

NEOLOGISMOS POR EMPRÉSTIMO: Novas Paisagens Lexicais Nas Redes Sociais

LOAN NEOLOGISMS: New Lexical Landscapes In Social Networks

Kênia Mara de Freitas Siqueira¹

Dayanny Marins Coelho²

RESUMO: Este estudo tem como objetivo revisar conceitos relativos à Lexicologia e aos processos de criação de palavras novas, neologismos, para fundamentar a análise de processos de ampliação do léxico nas Redes Sociais. Visa realizar breves incursões pelos aportes teóricos sobre os conceitos relacionados aos processos de criação lexical por empréstimos da língua inglesa. Isso acarreta um direcionamento léxico morfológico no que concerne à criatividade dos falantes em mesclar seus textos com palavras e expressões ou palavras funcionais do inglês. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, com procedimentos dedutivos a fim de elucidar que mecanismos linguísticos são mais produtivos (recorrentes) na formação de novas palavras que emergem principalmente, nessa esfera das atividades humanas. Alguns resultados dão conta de que há em curso, inúmeros processos morfológicos, sintáticos e semânticos muito produtivos no que concerne às regras de criação de palavras.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicologia. Léxico. Neologismos. Empréstimos.

ABSTRACT: *This study aims to review concepts related to Lexicology and the processes of creation of new words, neologisms, to support the analysis of lexical expansion processes in Social Networks. It aims to make brief forays for the theoretical contributions on the concepts related to the processes of lexical creation by loans of the English language. This entails a morphological lexical orientation regarding the creativity of the speakers in merging their texts with words and expressions or functional words of English. It is a qualitative research with deductive procedures in order to elucidate which linguistic mechanisms are more productive (recurrent) in the formation of new words that emerge mainly in this sphere of human activities. Some results show that there are many morphological, syntactic and semantic processes that are very productive in terms of word creation rules.*

KEYWORDS: *Lexicology. Lexicon. Neologisms. Loans.*

¹ Professora da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, e do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG/Catalão). E-mail: keniamara@hotmail.com

² Aluna do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFG/Catalão). Bolsista de Demanda Social do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: dayannypnn@hotmail.com

Introdução

Devido ao lugar fronteiriço em que se situa o léxico, este estudo se vincula à questão da criação de palavras ao âmbito da Lexicologia, mesmo reconhecendo que alguns fatores devem ser explicitados em suas correlações morfológicas e semânticas. Fronteiriço, vale aqui uma ressalva, porque, paradoxal ou simultaneamente, o léxico é sistemático, ou seja, tem um caráter estável, construído sobre base própria, estável e definida, tem identidade, mas, por outro lado, é aberto, volátil, com possibilidade de escape, de se ver permeado e impregnado por outras tantas “xenofacetas”. Assim, os neologismos por empréstimos, ainda que não se ancorem nos mecanismo de criação de palavras da língua nativa, podem ser descritos sob as bases teóricas da lexicologia juntamente com outras teorias de descrição linguística.

Com essa perspectiva, este artigo percorre um caminho que se vincula aos conceitos de Barbosa (1990), Biderman (1996), Nebot (2001), Camacho (2008), Basílio (2011) entre outros, sobre Lexicologia, unidade lexical, léxico, no sentido de rever e redirecionar questões uma vez que, no universo criador de palavras, essa capacidade intrínseca do falante, agora em rede e *on line*, ocorrem fenômenos linguísticos em níveis como um todo, dependendo da motivação ou como preferirem do contexto: fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos. Dessa forma, é provável que o léxico seja o agregador desses aspectos gramaticais que se circunscrevem aos neologismos (empréstimos³), sejam palavras simples, ou lexias complexas.

No sentido de observar se o uso dos neologismos nas redes sociais constitui um fator de oralidade secundária (CITELLI, 2006), cujo conceito remete ao fato de a linguagem ter agregado uma nova possibilidade expressiva favorecida pela tecnologia da escrita *on line*, a proposta deste estudo consiste reconhecer que mecanismos são mais produtivos em relação ao que vem acarretando expressivas ocorrências de palavras novas (expressões, termos novos) em textos veiculados em mídias sociais, no que concerne à origem das lexias e à classificação que se pode efetivar: são empréstimos? São gírias de origem inglesa?

A metodologia consiste inicialmente do levantamento de estado da arte. A abordagem é qualitativa e interpretativa para recolha e análise dos dados. Convém ressaltar

³ Como exemplo: *one true pairing*, ‘mais intenso que shippar’, neologismo locucional de origem inglesa.

que os procedimentos de pesquisa iniciam-se com o levantamento e revisão da bibliografia e caracterização do estado da arte para posterior sistematização das etapas do estudo.

1 Lexicologia: o caráter simultaneamente, sistêmico e aberto do léxico

A despeito do interesse pelo estudo da palavra⁴ remontar à Antiguidade Clássica, os estudos do léxico são relativamente recentes, pode-se até dizer que ocuparam, por algum tempo, um segundo plano nos estudos da linguagem, só recentemente, vem emergindo para um plano de maior visibilidade dentro dos estudos linguísticos. Às palavras se destinavam apenas o jogo mecanicamente alfabético de defini-las pelas expressões literárias renunciando a Lexicografia e, posteriormente, a Lexicologia.

Assim, por volta do fim do século XIX, a Lexicografia teria suas funções já definidas. E, apenas mais tarde, com a distinção entre onomasiologia e semasiologia, os estudos da linguagem encontrariam um terreno teórico fértil ao recrudescimento de dois métodos que, em suas bases, refletem o primado da palavra sobre o som com as designações de semasiologia e onomasiologia (BALDINGER, 1966), cada método a seu modo, ateu-se ao estudo das palavras e seus significados ou sentidos.

Vale como excuro: ao estudar uma palavra, pode-se realizar o percurso ora da palavra para os seus sentidos e referentes, ora de um significado ou conceito para as diferentes palavras que o designam. Consideradas as definições de Baldinger (1966), a diferença de percurso investigativo entre semasiologia e onomasiologia se estabelece na base de distinção entre dois fenômenos semântico lexicais, a significação e a nomeação, portanto, dois fenômenos intrinsecamente relacionados (inseridos) nos domínios da Lexicologia.

Para Nebot (2001, p. 17), ambas as palavras (Lexicografia e Lexicologia) aparecem no “diccionario de la lengua castellana”, de P. Esteban Terreros, em 1734, com definições que as distingue nos seguintes termos: Lexicografia “arte de la ordenación de un Diccionario” e Lexicologia definida como “el tratado de la voz, ó palavra em particular; por

⁴ Para Basílio (2000), a palavra é uma das unidades da língua de fácil reconhecimento, mas de difícil de definição, isso ocorre porque na língua falada, não se fazem pausas sistemáticas entre cada palavra pronunciada. Em relação à escrita, não há problemas de definição nesse aspecto, já que se pode definir a palavra como qualquer sequência que ocorra entre espaços ou sinais de pontuação. Basílio (1987) se refere, obviamente, às sequências possíveis na língua; uma sequência como *pwtkyq* seria interpretada como um provável erro de digitação, não como uma palavra do português.

su voz em particular”. Para Terreros (apud Nebot, 2001), lexicologia é a palavra do homem, é o som articulado que significa, que denota, que remete a, pelo menos, um significado.

Nebot (2001) traça o caminho desses dois termos através do desenvolvimento da linguística como ciência ilustrando com citações de vários autores a visão de cada corrente de pensamento em relação ao estudo do léxico. De acordo com Nebot (2001, p. 180, o “Diccionario Nacional” define Lexicologia como ciência que trata do conhecimento fundamental das palavras, considerando sua relação com o valor, etimologia e também tudo o que for indispensável para aprofundar para compor o léxico. Nebot (2001) acrescenta várias definições de Lexicologia que constam nos dicionários espanhol desde a primeira ocorrência a abordagens mais atualizadas dos termos.

Por outro lado, é comum definir a Lexicologia, como um ramo da Linguística que se ocupa do estudo científico do léxico. Entretanto, para Barbosa (1990) e (1981), as tarefas que cabem à Lexicologia são bastante numerosas haja vista a complexidade do nível de articulação morfo-sintático-semântico dos itens lexicais. Segundo Barbosa (1990, p. 153), incluem-se entre essas tarefas: “definir conjuntos, e subconjuntos – universo lexical, conjunto vocabulário, léxico efetivo e virtual, vocabulário ativo e passivo; conceituar e definir a unidade lexical de base – a lexia [...]”. Cabe à ciência do léxico ainda inúmeras outras tarefas que fazem com que sua abrangência epistemológica abarque ainda modelos teóricos subjacentes a diferentes categorizações de diferentes denominações.

Fato relevante é observar que os estudos do léxico possibilitam também examinar as relações do léxico de uma língua com meio natural, cultural, a transposição de realidades continuamente operada e recriada pelo léxico, o real e o virtual recortado pelo léxico pela língua ou pelos empréstimos que se fazem face às percepções do mundo.

Para Camacho (2008), a Lexicologia é o estudo da organização do léxico dentro da língua e, cabe a ela, as análises do léxico. Por seu caráter pluridisciplinar, o léxico pode ser estudado vinculado a aspectos históricos, geográficos, fonéticos, morfológicos, sintáticos, culturais e sociais.

Gaspar y Roig (apud Nebot, 2001) Lexicologia é a ciência que tem como objeto o conhecimento das vozes (palavras) consideradas sob o ponto de vista de seu valor, etimologia e tudo que necessita para compor o léxico. Como se vê, as definições evidenciam a questão da significação como âmbito do estudo da Lexicologia, ressaltando para tanto a busca das

diversas acepções que uma palavra pode ter (ou conter). Isso apenas mostra que antes do aparecimento da Semântica em 1954, questões de valor, etimologia, significação e, posteriormente, referência, estavam a cargo exclusivamente da Lexicologia, como parte da gramática que se atinha ao estudo de vários aspectos das palavras, inclusive e especialmente a observação da formação de palavras.

Muito há de se discutir acerca dos conceitos e concepções que se atribuem ao termo “léxico”, o que estenderia este item além de seu próprio escopo, mas necessário se faz trazer à baila pelo menos algumas poucas palavras no sentido de entender o quão vasto é o domínio dos estudos do léxico que paralelamente, reflete as questões imbricadas nesta complexa rede de relações línguoculturais⁵ em que níveis linguísticos se interpõem para significar (ou ressignificar) as diversas manifestações linguísticas do pensamento humano.

No léxico de qualquer língua, podem ser incluídas unidades diversas e heterogêneas, sejam monossílabos e vocábulos simples até expressões bastante complexas do ponto de vista de sua formação (composição), ou melhor, sequências formadas por vários vocábulos inclusive frases inteiras como as expressões idiomáticas e os provérbios.

Na verdade, o homem tende a nomear tudo que faz parte de seu universo, classificando e dando significado a tudo que o cerca. Conforme Biderman (1996), toda realidade circundante, possui um nome, inclusive as próprias pessoas. Aliás, uma das primeiras ações em relação a um recém-nascido é a escolha de um nome. Nomear é conhecer e o léxico associa-se ao conhecimento e a qualquer processo de denominação (seja de objetos ou de novos comportamentos), o léxico é o resultado de operações perceptivo cognitivas. Para Biderman (1996), o léxico é o *locus* do conhecimento sob o rótulo de palavras.

As palavras são associadas a conceitos que dão sentido ao mundo, nomeando as coisas do mundo e formando o universo referencial que se tem dentro de uma língua. Cabe salientar que tudo isso é permeado pela visão de cada povo.

De acordo com Sapir (1974), ao captar e registrar aspectos extralinguísticos que se circunscrevem ao ato de nomeação da realidade, o falante faz com que exerçam figurativamente a função de refletores de características físicas e culturais do ser nomeado, retratando a interinfluência entre homem, língua e cultura.

⁵ Termo de Dick (1990).

Para Greimas (apud NEBOT, 2003, p. 121), “o léxico se constitui em um espelho da vida. Espelho da vida [...] tanto material como intelectual e espiritual”, e Rohlfis (apud NEBOT, 2003, p. 121, tradução nossa) ainda enfatiza que é claro que as relações entre língua e cultura são mais evidentes e visíveis no domínio da cultura material, como se fazem mais vagas e indiscriminadas conforme nos aproximamos da cultura espiritual”.

Já Antunes (2012, p. 27), no afã de responder: “o que é o léxico de uma língua? Em que consiste?” Recorre a alguns autores para definir o termo “léxico”, e assim cada um dos autores, por um viés teórico, define léxico estabelecendo vínculos epistemológicos que desnuda de certa forma, as concepções que subjazem às diferentes visões de mundo que estão, por sua vez, na base de todas as correntes linguísticas que já trataram do problema.

Para Castilho (2010, apud ANTUNES, 2012, p. 28), por exemplo, “palavras são representação linguística [...] matrizes cognitivas [...] o léxico corresponde ao inventário dos itens linguísticos com que expressamos essas categorias e subcategorias cognitivas.” Castilho (2010), discute vê o léxico como representação em termos cognitivos, para o que Marchuschi (2004) reitera a impossibilidade de pensar o léxico à margem da cognição social.

De acordo com Antunes (2012, p. 28), o léxico pode ser entendido “como uma espécie de memória representativa das matrizes cognitivas construídas”, mas evidentemente, que se trata de memórias em movimento, numa marcha dinâmica expressivamente marcada pelo contexto em que se funda e se desenvolve. A dinâmica do léxico faz com que ele seja, segundo Marchuschi (2004), o nível de realização linguística, tido como mais instável, irregular e até mesmo incontrolável.

Para Makkai (1996, apud COUTO, 2007, p. 189), “uma palavra é um ponto de ‘conexão⁶ ativado ou inativado em uma complexíssima rede de relações semânticas, gramático-morfológicas e fonético-fonológicas”. Em outras palavras, léxico, segundo Makkai, é o conjunto de palavras ativadas (léxico real) e inativadas.

Em consonância com os preceitos da Ecolinguística, definidos em Couto (2007), é possível atribuir ao léxico certa porosidade⁷, conceito que se caracteriza por apresentar fronteiras não muito bem delimitadas, análogas às fronteiras dos ecossistemas. Semelhantemente, o léxico, com seu caráter extremamente elástico, é um componente

⁶ Grifo do autor.

⁷ São conceitos que coadunam com a visão ecossistêmica da linguagem.

linguístico “poroso”. Poroso porque é o componente linguístico, segundo Couto (2007), que mais apresenta a característica da abertura (ou porosidade), o componente que está em contínua adaptação às novas circunstâncias, às novas configurações da rede de inter-relações (reais ou virtuais).

Como se vê, as definições evidenciam a questão da significação como âmbito do estudo da Lexicologia, ressaltando para tanto a busca das diversas acepções que uma palavra pode ter (ou conter). Isso apenas mostra que antes do aparecimento da Semântica em 1954⁸, questões de valor, etimologia, significação e, posteriormente, referência, estavam a cargo exclusivamente da Lexicologia⁹, como parte da gramática que se atinha ao estudo de vários aspectos das palavras, inclusive e especialmente a observação da formação de palavras. Nesse sentido, pode-se incluir a criação ou aparecimento de palavras novas, tratadas então (e até hoje) como fenômenos neológicos, ou neologismos.

As línguas em geral nunca estiveram livres da ação de fatores extralinguísticos ou até mesmo de fatos linguísticos inerentes a elas. Não há nenhum mecanismo capaz de conservar e proteger as línguas de influências que, para os mais normativistas, corrompem as estruturas e estabilidade das línguas. Pelo contrário, as línguas dispõem de mecanismos de formação de palavras que quando esgotados requerem a necessidade de emprestar termos de outras línguas.

Segundo Crystal (2005), essa ocorrência é apenas um ciclo natural que toda língua está sujeita em sua existência, pois nenhuma língua vive de forma isolada, todas mantêm algum tipo de contato com as outras. Isso faz com que se influenciem mutuamente. As de maior alcance tidas como principais línguas internacionais, como o espanhol e o francês, exercem mais influência sobre suas línguas de contato. E o inglês, como língua global, por natureza, exerce mais influências que todas as outras.

Os povos entram em contato uns com os outros, o que favorece inúmeras trocas e interinfluências sejam linguísticas ou culturais. Em um mundo globalizado e de crescente

⁸ Vocábulo francês criado por Michel Bréal (sémantique) que entrou, segundo Nebot (2001), no “Diccionario de la Academia”, em Espanha, em 1925.

⁹ Convém abrir uma nota para mencionar que, com os desdobramentos dos estudos estruturalistas, a semasiologia (e a onomasiologia também) passou por um recrudescimento, dando mais possibilidades de ampliação do estudo do léxico. Semasiologia entendida como estudo de mudança de sentido que favorece várias aplicações referenciais e acepções para as palavras, o que se situa diante de análises do movimento semântico ou câmbio semântico, que, em muitas situações, criam neologismos semânticos.

inovação tecnológica, é natural que haja intenso contato entre as diferentes culturas, acentuando também diversos processos de influência mútua, contribuições na forma de empréstimos culturais ou linguísticos. Toda língua, em determinado momento, recebe contribuições que são os empréstimos de outras línguas.

Segundo Alves (2004), a língua inglesa, atualmente, mais do que qualquer outra, tem emprestado itens à língua portuguesa, principalmente nos campos técnico e científico.

As modernas tecnologias e as redes sociais vêm aproximando as pessoas de uma forma virtual, mas possibilitando que haja empréstimos entre as línguas de modo a designar também comportamentos que surgiram ou se modificaram em função dessas novas maneiras de interagir pela linguagem.

De acordo com Assis (2007), não é difícil observar a contribuição do inglês para criação de novas expressões no português brasileiro em várias instâncias e lugares, como por exemplo, nas propagandas escritas e faladas, na televisão, nos nomes e embalagens de produtos, no mercado financeiro, na área de marketing e propaganda, na Internet, enfim em inovações da tecnologia.

A maior parte dos termos tecnológicos presente na língua portuguesa é de origem inglesa (anglicismos, portanto), haja vista o empréstimo do item cultural (ou tecnológico) que antecede (ou, no mundo *on line*, pode-se dizer que ambos os empréstimos, do item e do nome do item, ocorrem concomitantemente) o empréstimo do nome do item.

Esses termos “entram” na língua, integrante de alguma forma o vocabulário de algum estrato linguístico dela, sendo que o falante o modifica, exprimindo os aspectos fonéticos e ou morfológicos da língua portuguesa. O vocabulário do falante é atualizado continuamente, com tamanha influência das tecnologias, cada vez mais falantes buscam novos termos, importados juntamente com as tecnologias, constituindo matéria-prima para construção e atualização de seu vocabulário.

Pode-se observar ainda, que com o advento das redes sociais, a propagação destas novas expressões é mais rápida e acentuada, pois atinge um número grande de pessoas independente da região do país.

Para Crystal (2005), a importância da questão é ampla já que traz consequências de uma tendência globalizante em que forças de mercado e forças culturais foram liberadas, erodindo pontualmente o equilíbrio do poder linguístico. São, na verdade, forças opostas que

agem, por um lado, a invasão das línguas dominantes num determinado espaço geográfico, por outro, a manutenção e desenvolvimento da diversidade linguística.

Importante ressaltar que toda mudança que ocorre na língua forma um paralelo com as mudanças humanas, com as mudanças no comportamento social das pessoas, ou melhor, correspondem às necessidades de grupos específicos ou não de falantes durante a manifestação criativa, cuja população possui um mesmo sentimento de inovação, criação ou adoção.

Para Carvalho (2009), toda língua se dinamiza por mudanças, que são manifestações da criatividade específica da linguagem humana. As mudanças sociais exigem novas formas de designá-las, assim as necessidades expressivas se renovam porque o falante não pensa e age sempre da mesma maneira ao longo de sua vida. Também a língua, dado seu caráter dinâmico, não é um produto acabado e pronto, ela varia e se refaz continuamente.

Na maioria das situações de interação entre povos de culturas diferentes, pode-se perceber forte demanda de termos de origem inglesa sobre as demais línguas do mundo. O inglês alcançou *status* nunca verificado em nenhuma outra língua.

1.1 Um Fenômeno Neológico: os empréstimos

Embora o estudo dos empréstimos possam ser tratados pelos estudos de morfologia lexical, de formação de palavras, acolhe-se para este estudo, bases teóricas da Lexicologia por entender que os neologismos, de certa forma, também podem ser estudados do ponto de vista lexicológico em correlação com fenômenos de base morfológica.

Conforme Bueno (1994, p. 401), o significado da palavra “empréstimo” equivale ao “ato de emprestar, de tomar emprestado.” Como fenômeno linguístico, pode ser entendido como um fator de aquisição e de provisão entre as línguas, que, de certa forma e em algum grau, sofrem influências pelo contato entre os falantes de diferentes classes sociais, regiões ou país. Nessa perspectiva, o empréstimo caracteriza-se como um aspecto inerente às línguas, que faz parte e está diretamente relacionada às mudanças linguísticas, impulsionando-as.

Segundo Carvalho (2009), as mudanças linguísticas ocorrem devido à própria natureza da língua, e os empréstimos são parte dessas mudanças. Carvalho (2009) ressalta que o empréstimo é resultado ou consequência do contato entre as línguas. Quando o termo

emprestado atinge grande popularidade, quase sempre, é adaptado para uso na forma normalizada da língua. Sua disseminação é caracterizada, por isso, pela força da comunicação empregada pela população.

Os empréstimos contribuem para que mudanças ocorram, eles advêm então dessa perspectiva de adoção que está inteiramente ligada às relações humanas. À medida que, a sociedade passa por mudanças de costumes e crenças, mudam também seus valores, suas necessidades e seus objetivos, contribuindo, assim, para a alteração das necessidades comunicativas durante a interlocução.

Já em Grosjean (1982), encontra-se o conceito de empréstimo como o uso de uma palavra de outra língua que é adaptada à língua base. Grosjean (1982) indica como fator predominante para a adoção de empréstimos a inexistência de itens lexicais em determinada língua para a expressão de novos conceitos, objetos e lugares em função da necessidade de ampliação vocabular, dadas as novas experiências socioculturais e a necessidade de comunicação decorrente delas.

Bloomfield (1961 apud CARVALHO, 2009) classifica os empréstimos considerando a origem: em íntimos, culturais e dialetais, os três correspondem ao tipo de adoção lexical. Empréstimo íntimo ocorre mediante a convivência de duas línguas no mesmo território; empréstimo cultural ou externo, é o tipo mais frequente, pode ser definido por contatos políticos, sociais, comerciais e militares entre os povos, sempre combinado pela dominação de algum deles, é o empréstimo por influências culturais; empréstimo dialetal é o que acontece entre falares da mesma língua, por meio de variantes regionais, sociais e jargões especializados. Carvalho (2009) entende que esses modos são em sua maioria, de natureza lexical, ou seja, são responsáveis pela renovação vocabular.

Pode-se ainda mencionar o empréstimo não-lexical, cuja ocorrência é mais incomum. A adoção de fonemas, por exemplo, quase não acontece, visto que, os falantes, quase sempre, alteram o termo lexical emprestado de acordo com os fonemas da língua, ou melhor, tudo que entra via empréstimo, inevitavelmente passa pelo filtro fonético fonológico do português.

Para Carvalho (2009), os empréstimos podem ainda ser classificados como denotativos ou conotativos. Os primeiros abarcam os itens de função referencial, que incorporam um objeto ou conceito novo por intermédio de domínio cultural e pode ser

associado aos termos que acompanham o objeto ou conhecimentos importados. Os conotativos são de caráter estilístico da fala, com função expressiva, caracterizados por deferência à cultura do outro. Os denotativos referem-se aos que Grosjean (1982) denomina de “necessários” e os conotativos aos “desnecessários”, já relacionados acima.

2 Metodologia

Para o levantamento de dados, emprega a técnica da recolha direta em alguns sites de relacionamentos como blogs, observando se, nas postagens que os jovens fazem diariamente, é comum o uso de palavras e expressões que até o momento não existiam e começaram a existir simplesmente pelo fato de possibilitar o ato da comunicação. O acesso diário aos blogs possibilita investigar a interação entre os membros do grupo e, conseqüentemente, a ocorrência de neologismos.

Dessa forma, o desenvolvimento dessa pesquisa tem como foco o surgimento dos neologismos que fazem com que o falante se expresse de forma mais prática utilizando para tanto, elementos da língua inglesa.

Espera-se que com os resultados da investigação seja possível verificar alguns fatos que estão na base da formação de novas palavras como os dados apresentados a seguir.

3 Resultados

Dados de Pereira (2015, p. 27), evidenciam alguns aspectos discutidos: a expressão “ser thug life” [>tugi: >la:jfI] advinda do termo *Thug Life*¹⁰ que nomeia um movimento social¹¹ não ligado a ONGs e criado pelo *rapper* Tupac e Razvan Birt com intuito de diminuir as mortes banais e a violência nas áreas pobres e favelas dos EUA. Essa expressão mantém de certa forma, alguma conotação como na origem inglesa, expressa assim, “o ato de

¹⁰ <http://opiodotrivial-live.blogspot.com.br/2015/05/thug-life-do-movimento-social-ao-album.html> - Acesso em 13/06/2017.

¹¹ O movimento tinha o objetivo de discutir (e diminuir) mortes banais e a violência nas áreas pobres e favelas dos EUA. Visava também recomendar aos *thugs* ou bandidos, o que poderia e o que não poderia ser feito nas comunidades como: não poderia haver mortes banais, sequestros ou venda de *crack* a crianças e a moradores das comunidades. Isso contribuiu bastante para diminuir o número de assassinatos nas áreas mais violentas e gerou ódio por parte do governo norte-americano.

ser despreocupado com os riscos de “ter vida bandida”, em português pode-se fazer analogia à expressão “ser vida loka”. É um neologismo locucional, no entanto, pode ser considerado, de acordo com a tipologia de Grojean (1982), como um *loanblend*, porque há a junção de morfemas das duas línguas (verbo ser português + *thug life* inglês).

Em termos semânticos, necessário se faz refletir sobre sua significação original no inglês e no contexto em que surgiu. Conforme o site <http://opiodotrivial-live.blogspot.com.br/2015/05/thug-life-do-movimento-social-ao-album.html>:

Thug Life: a expressão “Thug Life” em tradução livre significa Vida Bandida, entretanto a sigla em inglês ganhou um significado mais profundo no movimento, as palavras "Thug" e "Life" eram formadas por letras iniciais de palavras que formavam frases de protesto. A letra T é a inicial da palavra "The", o H é a inicial de "Hate", o U cuja a pronúncia em inglês é exatamente idêntica a palavra "You", o G de "Gave", o L de "Lil" que é o diminutivo de "Little", o I de "Infants", o F de "Fuck" e o E de "Everyone". Formando assim a frase: "The Hate U Gave Lil' Infants Fucks Everyone" tradução ao português: "O ódio que você passa para as crianças fode todo mundo". O movimento era constituído por uma espécie de "10 mandamentos" dos membros de gangue.

Convém ressaltar que a criação de palavras por empréstimos atualmente traz consigo uma gama infindável de questões que perpassam, de alguma maneira, outras tantas questões de ordem social, política, linguística, cultural. É essa perspectiva de análise que se pretende obter com este estudo de neologismos tais como: *one true pairing* ‘tem um significado mais intenso que *shippar*, mas na mesma direção semântica’; *dar ban* ‘proibir, banir’; meu *squad* ‘meu grupo de amigos’; jogar *shade* ‘lançar um olhar de ódio’ entre muitos exemplos que surgem, uns se fixam outros tem duração bastante efêmera.

Considerações Finais

Este artigo teve o objetivo de revisar alguns conceitos referentes aos estudos dos empréstimos como fenômeno neológico tratado como lexia de ocorrência nova principalmente em Redes Sociais, revisão esta pautada em autores como Citelli (2006), Antunes (2012), Alves (2004), Basílio (2000) Biderman (2001), Steinberg (2003) entre outros, já que o fato neológico pode ser interpretado de diferentes maneiras e sob aportes teóricos também diferentes.

Este estudo vem sendo estruturado numa proposta teórica com base na Lexicologia, na morfologia lexical (ainda sendo revisada) e também nos aportes teóricos da

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; COELHO, Dayanny Marins. *Neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais*.

Semântica cognitivista (também ainda não revisada). Nesse sentido, buscou-se rever conceitos que possam de alguma maneira, elucidar alguns processos sincrônicos que estão na base da formação de palavras no português brasileiro.

Nessa perspectiva, o desenvolvimento do estudo vem possibilitando a identificação de ocorrências desses neologismos, ou seja, de expressões neológicas advindas por meio de empréstimos que a comunidade mais jovem da Internet vem fazendo através da língua inglesa. O estudo vem suscitando também questões de análise dos processos neológicos já que foram verificados em alguns dados, combinações de elementos de ambas as línguas (português e inglês), a princípio, bastante inusitadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo. Criação lexical*. 2ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação linguística. In: *Alfa*. v. 40, São Paulo: UNESP, p.11-16, 1996.

ANTUNES, Irandé. *Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2012.

ASSIS, Ana Beatriz Gonçalves de. *Adaptações fonológicas na pronúncia de estrangeirismos do inglês por falantes de português brasileiro*. 2007, 266f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) apresentada junto à Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara-SP.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. *Alfa* n. 9, p. 7-36, 1966.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. 7.ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. *Revel*, edição especial, n. 5, 2011. p. 99-117.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica. objeto, métodos, campos de atuação. In: *Simpósio latino americano de terminologia*, 2; 1990, Brasília. Anais: União Latina/CNPq, p. 153-154, 1990.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; COELHO, Dayanny Marins. *Neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais*.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *A estruturação mental do léxico*. In: BORBA, Francisco da Silva. (Org.). *Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 131-145.

_____, Maria Tereza Camargo. *Léxico e vocabulário fundamental*. *Alfa*. v. 40, 1996. Estudos lexicológicos e lexicográficos. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/107728>>. Acesso em: 30/08/2015.

_____, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: Editora Unesp, p. 15, 2003.

BUENO, F. da S. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11.ed. 13 tiragem. Colab. de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro, Giglio Pecoraro, Geraldo Bressante. Rio de Janeiro: FAE, 1994.

CAMACHO, Beatriz Facincani. *Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá*. São José do Rio Preto: 2008, 167 p. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista.

CITELLI, Adilson. *Palavras meios de comunicação e educação*. São Paulo: Cortez, 2006.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

CRYSTAL, D. *A revolução da linguagem*. (Trad.). Ricardo Quintana, consultoria, Yonne Leite. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

GROSJEAN, F. *Life With Two Languages: an Introduction to Bilingualism*. Harvard University Press. 1982.

NEBOT, Francisco Abad. *Cuestiones de lexicología y lexicografía*. Madrid: UNED, 2001.

PEREIRA, Nair Fernandes. *Neologismos locucionais por empréstimos: ser thug life para stalkear o inglês nas redes sociais*. 2015. Monografia. (Graduação em Letras) Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, Pires do Rio, 2015. Mimeo.

SAPIR, Edward. The unconscious patterning of in society. In: Blount, B. G. (Ed.). *Language, Culture And Society: A Book Of Readings*. Cambridge: Massachusetts: Winthrop Publishers, 1974. P. 47-66.

SIQUEIRA, Kênia Mara de Freitas; COELHO, Dayanny Marins. *Neologismos por empréstimo: novas paisagens lexicais nas redes sociais*.

STEINBERG, Martha. *Neologismos de língua inglesa*. São Paulo: Nova Alexandrina, 2003.

WELKER, Herbert Andréas. *Dicionários. Uma Pequena Introdução à Lexicografia*. Brasília-DF: Thesaurus, 2004, 287p.

Recebido em 26/06/2017

Aprovado em 02/07/2017